

Prevaleceu bom senso, diz Álvaro

Da Sucursal

Curitiba — O governador Alvaro Dias disse ontem que considera encerrado o debate em torno do regime de governo e duração do mandato. "Eu espero que a nação agora discuta outras prioridades e que os dois números colocados em tanta evidência sejam substituídos por questões de maior profundidade e interesse nacional", afirmou Álvaro. Ele entende que chegou o momento de se construir uma legislação que assegure os direitos sociais do indivíduo, já que os políticos estão garantidos.

Para o governador paranaense prevaleceu o bom senso quando os constituintes decidiram pelo presidencialismo como regime de governo e citou a sua experiência de executivo há um ano frente ao governo do estado. O parlamentarismo, na sua avaliação, é um processo mais lento de governo e a situação atual do país exige mudanças e soluções urgentes. "pois vivemos um momento de profunda angústia nacional", afirmou Alvaro Dias.

A pressão exercida pelos governadores junto aos constituintes das suas respectivas bancadas, criticada pelos parlamentaristas e quatroanistas, que afirmaram ser um verdadeiro "cata-milho", foi definida pelo governador do Paraná como sendo uma postura de responsabilidade num momento em que as decisões políticas envolvem os interesses nacionais. "O regime democrático ainda não proibiu o governador de opinar sobre temas políticos. Se é catar milho ou correr atrás do bode eu não sei", disse. Mas reconhece que ainda há uma dose muito forte de fisiologismo na política brasileira, que viria inclusive a comprometer o sistema parlamentarista. Segundo Alvaro Dias, seria uma ofensa aos constituintes afirmar que foram alvos de coação ou pressão, pois acima de tudo, a decisão da Constituinte foi soberana, mas seria estranho excluir a participação dos governadores.

As possíveis alterações que venham a acontecer no quadro político-partidário são encaradas por Alvaro Dias não como decorrências da decisão da votação, mas sim fruto da época atual. "Estamos concluindo um ciclo da política brasileira e vencida esta fase da transição, virá uma inevitável reacomodação das forças políticas".

"Vivemos um período de heterogeneidade absoluta das alianças, cujo objetivo era a conquista do processo democrático. Implantada a democracia, outras razões nos levarão a uma nova estrutura partidária", entende o governador.

Líder só deixa seu partido se perder de novo

Ao denunciar a "pressão lamentável" promovida pelo Palácio do Planalto e por vários governadores sobre os constituintes, em torno da aprovação do presidencialismo e do mandato de cinco anos, o senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) advertiu que o futuro do seu partido depende fundamentalmente do comportamento que vier a adotar na votação das disposições transitórias, quando terá uma segunda chance de reduzir o Governo Sarney.

— Se persistir o conluio de parte da bancada com o Governo, em troca de favores nem sempre confessáveis, ficará provado que o PMDB saiu dos trilhos e um grupo significativo de colegas não pretende acompanhá-lo ao abismo — acrescentou o parlamentar paulista, ao admitir implicitamente a existência de articulações visando à criação de uma nova legenda.

Cardoso não exime o seu partido de responsabilidades pela aprovação dos cinco anos. Ao contrário, acha que toda a culpa cabe justamente ao PMDB que, como bancada majoritária, "deveria atender ao inequívoco anseio popular por eleições este ano e não ir contra os sentimentos da sociedade".

ESTRATÉGIA

O senador paulista reuniu ontem um grupo de **quatroanistas** de diferentes partidos para traçar uma estratégia capaz de garantir a redução do mandato de Sarney, durante a votação das disposições transitórias. Não se cogita, segundo ele, de procurar respaldo para esta tese através de uma campanha de mobilização popular: "O povo já deixou claro o que quer. Resta a nós, representantes do povo, convocar as eleições", observou.

A tática para alterar os rumos da Constituinte passa, basicamente, pelo próprio racha do PMDB. E com este argumento que se pretende mudar a posição do deputado Ulysses Guimarães, que pode ser fundamental, na opinião de Cardoso, para a vitória da tese **quatroanista**. "Ulysses precisa entender que as eleições são vitais para as bases peemedebistas e que adiá-las é uma atitude extremamente antipopular", acrescentou.

BLOCO

A partir de três realidades — o fortalecimento político do presidente Sarney, a derrota do parlamentarismo e os riscos de que o mesmo aconteça com o mandato de quatro anos para o atual presidente —, o senador Mansueto de Lavoura (PMDB/PE) está defendendo a criação de um bloco de oposição ao governo que congregaria, em princípio, 25 dos 43 senadores do partido.

Ontem, ao meio-dia, na residência de um dos defensores da tese, o senador Ronan Tito (PMDB/MG), os peemedebistas de oposição vão tentar consolidar o grupo que, conforme os entendimentos preliminares e com a concordância dos senadores Mário Covas e Nelson Carneiro, teria o senador Fernando Henrique Cardoso como seu líder. Segundo Mansueto de Lavoura, trata-se "do início de uma guerra civil dentro do PMDB e é natural que ela tenha início no Senado que, neste momento, é mais progressista que a Câmara, pois nele se situa um número muito grande de parlamentares que resistiram às tentativas de composição em torno do presidencialismo e continuam resistindo em favor do mandato de quatro anos para Sarney".

Ala de Ulysses se reduz

O presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, não conta com uma bancada indistinctível sob o seu controle. Mas tem um grupo de amigos que costuma gravitar em sua volta. A turma do "poire" na Constituinte votou nos cinco anos de mandato para presidente, como Ulysses já defendeu algumas vezes.

Mas nem todos se definiram. O líder da bancada na Câmara, Ibsen Pinheiro (RS), eleito com o apoio explícito de Ulysses, e o deputado Walmor de Luca (SC), não votaram. Tanto Walmor como Ibsen são ligados ao

ministro Luiz Henrique.

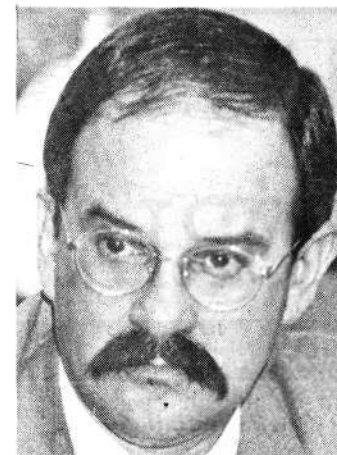
O deputado Renato Vianna (SC) solicitou orientação de como votar a Ulysses, que o deixou livre com a sua consciência. Primeiro, decidiu-se pelos quatro, mas acabou votando cinco na última hora. O vice-presidente da Constituinte, Mauro Benevides (CE), velho seguidor de Ulysses, também engrossou a maioria cincoanista. Outros dois frequentadores da casa do presidente do PMDB, Cid Carvalho e Heráclito Fortes, ambos parlamentaristas, votaram nos cinco anos.



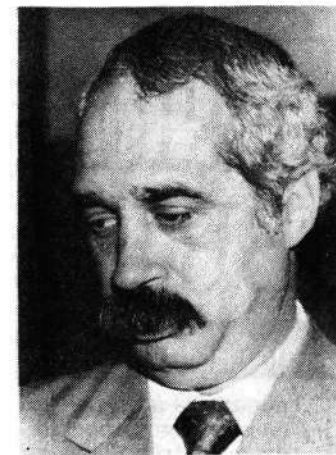
Carlos Cotta



Sigmaringa



Mauro Campos



Ziza Valadares

Começa a debandada no PMDB

Presidencialismo com 5 anos desagradou e oito já saíram ontem mesmo

A aprovação do presidencialismo e do mandato de cinco anos rachou de vez o PMDB e ainda respingou no PFL e no PDT. Ontem à tarde, constituintes dissidentes dos três partidos reuniram-se para discutir a formação de um bloco na Constituinte — que deve ser o embrião de uma nova legenda socialista — em defesa da realização de eleições presidenciais este ano. Os atuais partidos começam a sentir ainda hoje os efeitos desta articulação, com a saída de treze deputados do PMDB. Oito deles, todos mineiros, comunicaram ontem oficialmente ao presidente Ulysses Guimarães que deixam a legenda.

Deixam a legenda majoritária imediatamente os seguintes parlamentares: Pimenta da Veiga, Ziza Valadares, Roberto Brandt, Otávio Eljio, Carlos Mosconi, Mauro Campos, Celso de Castro e Carlos Costa, de Minas Gerais; Fernando Lyra, Cristina Tavares e Harlam Gadelha, de Pernambuco; Tadeu França, do Paraná; e Sigmaringa Seixas, do Distrito Federal. Os três pernambucanos anunciaram para hoje seu desligamento.

Um grupo maior, de cerca de

quarenta constituintes, vai esperar que o plenário defina a duração do mandato de Sarney no capítulo das Disposições Transitórias. Vencendo os cinco anos ou, segundo o senador Fernando Henrique Cardoso, "na hipótese de o PMDB contrariar mais uma vez a vontade popular", o núcleo histórico parte para a formação de uma nova legenda.

Enquanto alguns **quatroanistas** estão absolutamente céticos quanto à possibilidade de reversão das decisões de terça-feira passada ("eleições, só se houver um terremoto", acredita o deputado Fernando Lyra), alguns otimistas ainda apostam na realização de eleições este ano. O senador Mário Covas, que evita a todo custo comprometer-se com as articulações em torno do novo partido, acha que alguns votos podem virar no próximo mês, movidos por dois fatores: a pressão popular e a impossibilidade de o Governo cumprir todas as "abundantes promessas" que fez em troca dos cinco anos.

Entre os otimistas, há quem conte com a adesão do deputado Ulysses Guimarães ao movi-

mento pró-eleições. Na opinião do deputado Antônio Peroza, vice-líder de Covas, o presidente peemedebista não pode ficar indiferente ao clamor das ruas. E se Ulysses virar, acredita o parlamentar paulista, pode ser o fiel da balança a favor do mandato de quatro anos.

O deputado Fernando Lyra não concorda que o presidente influencie tantos votos quantos lhe atribuem (de trinta a sessenta) e nem que possa com sua posição pessoal alterar o resultado de terça-feira. Admite, porém, que não lhe faltam motivos para engajar-se ao grupo **quatroanista**: "As eleições este ano são a sua última oportunidade de manter o poder. Sem elas, Ulysses começa o próximo ano como um simples deputado, destituído de todos os cargos que acumula hoje", lembrou.

Aliás, tirar a presidência do PMDB das mãos do deputado paulista é o objetivo de alguns parlamentares que ainda crêem na recuperação do partido. O paranaense Euclides Scalco, por exemplo, defende a realização de uma grande reunião das lideranças peemedebistas (incluindo governadores e representantes das bases), de mo-

do a que se possa caracterizar se quem detém a maioria da legenda é a ala direita ou a esquerda. "Se formos minoritários, assim, deixaremos o partido para os conservadores".

Para o coordenador do esquerdista MUP (Movimento de Unidade Progressista), Nelson Friedrich, a dúvida de Scalco já foi devidamente esclarecida durante as votações de terça-feira passada. "A direita é maioria, só nos resta sair", acrescentou o deputado, anunciando para "os próximos dias" a desfiliação de um grupo estimado em quarenta constituintes. Seria a última etapa de um processo de fragmentação iniciado no ano passado, ao longo do qual nove peemedebistas saíram para outros partidos, enquanto outros onze se desligam hoje para formar um bloco independente.

Os demais peemedebistas descontentes, capitaneados pelo senador Fernando Henrique Cardoso, vão aguardar a definição final do plenário a respeito da duração do mandato presidencial, para só então abandonar a legenda. A esta altura, processo semelhante deverá estar ocorrendo no PFL.



Tadeu França



Cristina Tavares



Fernando Lyra

